

**[O lobo guloso e a raposa mentirosa]**

→ **Classificação:**

- Conto de animais.
- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: ATU 1 O Roubo dos Peixes + ATU 2 B O Cesto Atado à Cauda do Lobo + ATU 122 A O Lobo (Raposa) em Busca do Pequeno Almoço + ATU 122 K\* O Lobo como Juiz + ATU 47A A Raposa Agarra-se à Cauda do Cavalo (\*Vaca)
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Junho de 2007.

→ **Assunto:**

- Um lobo esfomeado é consecutivamente enganado por uma raposa manhosa e pelos animais que tenta comer.

→ **Palavras-chave:**

- Alentejo, animais, Baleizão, baptismo, Beja, cabeçada, carneiro, enganar, estrema, lobo, monte, porco, raposa, rio, sardinha, vaca

→ **Região:**

- **Região:** Baixo Alentejo
- **Distrito:** Beja
- **Concelho:** Beja
- **Localidade:** Baleizão

→ **Contador:**

- **Nome:** Edvige Rafael
- **Ano de nascimento:** 1937
- **Residência:** Baleizão

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Marta do Ó
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2006
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:12:34

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Maio de 2007
- **Palavras:** 2318

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Fevereiro 2010
- **Palavras:** 2282

→ **Montagem de vídeo e Web design:** José Barbieri

→ **Agradecimentos:** Biblioteca Municipal de Beja

## **[O lobo guloso e a raposa mentirosa]**

«Era o lobo guloso e a raposa mentirosa – o lobo era muito guloso e a raposa muito mentirosa.

Era na altura em que os animais falavam e cada um tinha o seu território. Havia um lobo muito guloso. E a raposa não era dali daqueles sítios, mas, dos lados onde ela vivia, extraviou-se e já não sabia por onde ‘tava e atão<sup>(1)</sup> ficou ali naquele território.

O lobo encontrou-a. Encontrou-a e disse-lhe:

[Lobo:] – *Ah! O que é que fazes aqui, como a da Joana<sup>(2)</sup>?*

[Raposa:] – *Ai, agora vim da minha terra – esqueceu-me da estrada – agora na’ sei pra onde é que vá!*

[Lobo:] – *Olha, podes cá ficar. Eu agora tenho ‘tado doente de uma perna e, se tu quiseres, até me podes ir acareando<sup>(3)</sup> alguma coisa pra eu comer.*

O lobo era muita guloso, mas muito amigo de pouco trabalhar.

[Raposa:] – *Ah, sim. Olha eu na’ tenho pra onde ir, fico cá. Eu posso ficar ali ao pé de ti, vivendo ali ao pé de ti.*

[Lobo:] – *‘Tá bem.*

No outro dia de manhã, a raposa levantou-se (ficou a dormir numa toca de uma oliveira – que as oliveiras eram muito velhas e tinham um tronco muito grande que ‘tava furado – e a raposa ficou por ali). No outro dia de manhã, levantou-se e olhou, olhou, sem conhecer estrada nenhuma.

Quem havia de passar? O homem que vendia peixe pelos montes. Vendia o peixe num carro, um caixote de peixe. E ela disse:

[Raposa:] – *Ah! Vem ali um homem com um carro! Vou-me fazer de morta! Ele pensa que eu que ‘tou morta – a minha pele é muito bonita! – e leva-me pa’ me tirar a pele.*

Assim que subiu pelo carro, na’ sabia o que o homem vendia...Um caixote de sardinhas, muito brancas... [viu] um caixote de sardinhas muito brancas. E disse ela:

[Raposa:] – *Ahhh! Tenho já aqui...Tenho já aqui comida pra muito tempo... pra mim e pò lobo.*

O homem ia andando e cantando... O burro preso no carro... Lá ia ele prà aldeia (...) vender as sardinhas. E ela foi deitando as sardinhas, foi deitando, foi deitando, foi deitando [para o caminho]. Assim que acabou de deitar a última sardinha, muito solitária, saiu do carro do homem. (O homenzinho na' deu notícia!).

Voltou pra trás, foi apanhando as sardinhas. Foi-se pôr no rio a lavar as sardinhas.

Como ela se demorou muito, o lobo foi à procura dela. Foi à procura dela, encontrou-a no, no rio.

[Lobo:] – *Atão? Que 'tás aqui fazendo, como a de Joana?*

[Raposa:] – *Olha, levantei-me cedo, fui pescar. Apanhei estes peixinhos.*

[Lobo:] – *Atão? Tens que me dar alguma coisinha.*

[Raposa:] – *Pois dou! Mas tu também tens que ir pescar! Na' te podes agora deitar à, à preguiça sem fazeres nada. Tens também que fazer alguma coisa! Olha, e aquilo que eu souber fazer vou-te ensinado a fazer, pa' tu, um dia quando eu vá pa' minha terra, ficares sabendo o que é que hás-de poder fazer.*

[Lobo:] – *Atão olha, como é que... Atão e como é que tu... olha e como é que tu achavas... e pá! [Olha para os peixes]. Este peixe 'tão grande! – Era[m] sardinhas grandes, sardinhas mais pequeninas....*

[Raposa:] – *Cada mergulhinho, cada peixinho; e cada mergulhão, cada peixão! – era[m] as sardinhas maiores.*

[Lobo:] – *'Tá bom...Atão e como é que a gente...*

[Raposa:] – *Olha! Ato uma pedra ao pescoço e deito-me põ fundo do rio. E depois, lá no fundo 'tão os peixes grandes e cá mais acima estão os mais miudinhos.*

[Lobo:] – *Põe-me aí uma pedra grande ao pescoço que eu... quero dessas, só quero dessas grandes!*

Ela atou uma pedra ao pescoço do lobo. O [lobo] pobrezinho, teve lá horas infinitas, quase morto, no fundo do pego<sup>(4)</sup>. E não viu peixe nenhum, porque na' havia lá nenhuns peixes! Enquanto isso aconteceu, ela fugiu! Fugiu.

Ele lá se desempalhou<sup>(5)</sup> da...Com as patas tirou a pedra. Lá saiu (com a coleira ao pescoço) [e pensou:]

[Lobo:] – *Atão, mas ela já não 'tá por aqui! O que é que eu faço à minha vida?! Levou as sardinhas todas e fugiu!*

O lobo lá ficou um dia inteiro sem comer nada! Abesundado de um todo, de andar lá dentro da água, sem saber o que fazer à vida, ali ficou espojado<sup>(6)</sup>.

Passou uma porca. Uma porca com três porquinhos pequeninos atrás. Disse ele:

[Lobo:] – *Olha porca, na' tenho outro remédio, tenho que comer os teus filhos.*

[Porca:] – *Ai! Compadre lobo era disso que eu vinha à procura! Que alguém os comesse... Pra mim ainda vou arranjando alguma coisa, agora eles na' sabem fazer nada... O melhor é tu comê-los! Ai! Compadre lobo 'pere aí! 'Pera aí que eles ainda na' 'tão baptizados! Se tu vais comer os meus filhos sem 'tarem baptizados é a tua desgraça! Morres instantaneamente e pronto... na' vais... na' tens salvação!*

[Lobo:] – *Atão, como é que a gente faz isso?*

[Porca:] – *Olha, espera aí. Eu agora passo para o outro lado do rio. (Vem aqui para este lado, olha que este lado é um bocadinho (de) fundo, podes cair aí pa' dentro) tu é que tens que ser o padrinho (e podes cair aí pa' dentro, na' tens salvação nenhuma!) e atão olha, deixa lá que eu passo para aquele lado e tu vais... vou-te dando os meus filhos e tu vais dizendo: – “Passa. Tu passarei que este baptizei eu” – e acabando de passar os três, come-los e pronto, acabou-se! Eu vou-me embora, volto as costas pra na' ver, e tu come-los.*

[Lobo:] – *'Tá bem!*

O lobo pegava no porquinho [e dizia:] – *“Passa! Tu passarei que este baptizei eu.”* Dava-o à porca para o outro lado. Passaram os três. Assim que [a porca] apanha os porcos do outro lado, deu-lhe uma trombada<sup>(7)</sup> [e] ele [o lobo] – *truz – pa' dentro do pego outra vez.*

[Lobo:] – *Ai! Mas que faria eu de mal a Deus! Quem me manda a mim ser padre, sem aprender o ofício! Agora aqui 'tou dentro...*

Tirou-se ainda mais triste que o que foi, mais, mais avalhado<sup>(8)</sup>, mas passou-se para o outro lado. Passou-se para o outro lado, 'tavam dois carneiros pastando. Dois carneiros. Disse [o mais novo:]

[Carneiro1:] – *Ai, que desgraça! Olha lá o lobo guloso! Aonde ele 'tá! Agora é que a gente na' tem salvação!*

Diz o mais velho assim: – *Deixa-te lá de comer isso! Agora a gente faz que 'tamos os dois zangados um com o outro... E só assim a gente pode resolver a situação.*

[Carneiro1:] – *Atão, mas como é que a gente faz isso?*

[Carneiro2:] – *Olha, tu agora recuas três passos para trás e eu recuo outros três passos e depois vamos ca força toda e batemos ca cabeça, com a cabeça uma na outra. Faz um barulho muito grande, ele levanta-se e diz “o que é isto?”, vê a gente... E a gente assim safa-se! Eu já... já te digo o resto.*

Os carneiros, cada um recuou para trás três passos, [e] foram – *truz* – os cornos uns nos outros e a cabeça. Fizeram um barulho tremendo. Levantou ele a cabeça [e disse:]

[Lobo:] – *Atão e isso...?! É! Esperem lá aí! Esperam lá aí, que eu tenho que saber o que é que se passa! Atão que... Agora na' tem solução... Eu hoje na' comi nada, tenho mesmo que comer alguma coisa!*

E a zorra<sup>(9)</sup>, no outro lado do rio, vendo o que se passava – escondida detrás de uma piorreira<sup>(10)</sup> – a zorra!

[Lobo:] – *Atão, mas o que é que vocês... ‘Tão, ‘tão zangados um com o outro?! ... Vocês na’ podem ‘tar zangados que eu tenho que comer agora um e matar o outro para levar para a minha toca, porque, pronto, eu na’ tenho nada que comer e atão tenho que fazer isso.*

Disse [o Carneiro2:] – *Olhe compadre logo você come a gente com certeza! Porque eu na’ tenho gosto nenhum de viver nesta vida! Na’ tenho! Hei-de morrer: se você na’ me matar, mato-me eu! Acabou! Jogo--me ali pa’ dentro do rio e acabou-se! E então olhe, até me facilita a minha vida e, eu fico satisfeito consigo!*

[Lobo:] – *Atão diga lá!*

[Carneiro2:] – *Olhe, o meu pai comprou estas terras. Na’ ‘tá vendo estas terras aqui?*

[Lobo:] – *Sim senhor.*

[Carneiro2:] – *E o pai dele comprou aquelas ali. Agora ele diz que as terras que são dele! Quer as terras do meu pai e quer as terras dele! Mas como é que ele quer fazer isso?! E eu fico sem nada!*

[Lobo:] – *Ah! Isso é que na’ pode ser! Atão? Mas isto é tudo seu?*

[Carneiro2:] – *É! Isto é tudo meu. Você pode vender, depois da nossa morte, pode vender! (Os animais falavam!)*

[Lobo:] – *Atão, como é que a gente faz isso?!*

[Carneiro2:] – *Venha cá. Venha cá que a gente resolve isso tudo num instante! Você... Olhe, estas são as minhas extremas<sup>(11)</sup>, ponha-se lá aí. Prali é meu, praqui é dele!*

[Lobo:] – *Sim senhor.*

[Carneiro2:] – *Você fica aí no meio, mas você agora vai optar por uma coisa: eu sou o primeiro a querer morrer – era o mais... grande, o mais gordo! – e ele depois, se quiser matar, mate! Comigo pode contar! Ele agora recue quatro passos pra trás e eu recuo outros quatro – o que chegar primeiro é que ganha a demanda<sub>(12)</sub>!*

Os carneiros puseram-se os dois com a força toda – apanharam-no no meio! Ele na' tinha comido nada, partiram-lhe as costelas todas! Caiu pra lá todo triste...

A zorra [disse:] – *Bem feito! Bem feito! Quem te manda a ti ser marco de estradas sem aprenderes o ofício!*

[Lobo:] – *Ahhhhh! Que eram sintomas<sub>(13)</sub> tuas, já eu sabia!*

(Que eram sintoma da zorra, já ele sabia! Da raposa – nesse tempo chamava-se uma zorra).

Bom, os carneiros abalaram. E ele ficou, ficou deitado. Ao fim de dois ou três dias levantou-se, levantou-se (e a zorra sempre vendo onde é que ele ia pra avisar as pessoas) levantou-se...

Ali no monte<sub>(14)</sub> de seguida, havia uma vaca com uma cria pequenina e ela disse assim:

[Raposa:] – *Olhe, o lobo guloso anda aí! E você repare bem onde vai pôr a vaca. Na' a ponha muito longe do monte<sub>(9)</sub> que ele anda morto com fome, que há uns poucos dias que na' come. Desde que eu cá cheguei que ele nunca mais comeu! E ele come a cria da vaca!*

[Vaca:] – *Ah! A vaca na' tem medo dele!*

Ele andava muito avarado<sub>(15)</sub>, muito doentinho, sem comer nada. No outro dia, ao fim de três dias, três dias, levantou-se às ondas – com as costelas tudo partido.

Assim que chegou lá [ao monte seguinte] 'tava uma vaca (muito gorda) com a sua cria, também muito gorda. Disse:

[Lobo:] – *Ó comadre vaca! Na' tenho outro remédio, mas tenho que comer a tua cria!*

Disse [a vaca:] – *Ah, compadre lobo! Se tu me pudesses comer a mim primeiro! Porque eu ando sem gosto nenhum na vida. Aqui me põem de manhã até à noite, sem ninguém se chegar ao pé de mim. Sedes... passo sedes... 'Tou do mais triste que há!*

[Lobo:] – *Ah na' te entristeças, deixa lá! Eu agora como a tua cria e nos outros dias vou-te comendo a ti.*

[Vaca:] – *Ahhhhh! Seja tudo por amor de Deus!!! Ahhh, sim senhor! (...) Ah, compadre lobo, nunca houve uma alma de Deus que me dissesse o que tu me ‘tás dizendo!*

Ficou muito satisfeita a vaca com o lobo.

[Vaca:] – *Olha, compadre lobo, escuta uma coisa que eu te vou dizer: na’ ‘tás vendo? Eu tenho aqui uma coisa, uma... uma corda. E ‘tá presa por uma estaca... A morte custa muito... Tu se começares a comer a minha filha e eu vendo...! Custa muito! E sabes o que tu fazes? Tu levantas ali a estaca, que ‘tá prendendo a minha corda, e põe-la no teu pescoço porque tu já me comes à vontade e eu... pra onde é que eu vou?! Pra lado nenhum! Na’ posso abalar daqui! E se ‘tôu presa posso fazer coisas: dar-te uma patada, dar cabo de ti... Tu ‘tás assim adoentado e eu na’ quero fazer isso na hora da minha morte, na’ quero fazer nada mal feito!*

[Lobo:] – *‘Tá bem.*

Levantou a estaca – uma estaca de ferro, cabo da enxada no chão, com a corda enrolada – e atou [-a] [a]o pescoço dele.

[Vaca:] – *Aperta isso bem! Aperta-a bem porque a morte custa muito...*

[Lobo:] – *‘Tás a ver que ainda na’ morreste, na’ sabes...*

[Vaca:] – *Ah! Mas tenho passado por muita coisa!*

[Lobo:] – *‘Tá bom.*

[Vaca:] – *E acabando diz: um, dois, três! ‘Tá bem?*

[Lobo:] – *‘Tá bem.*

(E a zorra do outro lado vendo! Ela é que ia fazer os anúncios para os outros animais).

Chegou... ele preparou-se todo muito bem [e disse:] – *Um! Dois! Três!*

A vaca abalou com ele, fugindo por aquelas pedras, por estevas<sup>(16)</sup>, por aquelas coisas...

A zorra dizia assim: – *Segura-te bem, compadre lobo! Por essas estevinhas, por essas pedrinhas, por onde puderes... Olha, se a corda se na’ parte ou se o nó se na’ desata, vão os teus ossinhos parar, à casa do dono da vaca!*

Lá foi o lobo, só (...) que a vaca levou-o à rojo<sup>(17)</sup>!»

Edvige Rafael, 68 anos, Baleizão (conc. Beja), Fevereiro 2006.

### Glossário:

- (1) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial que significa “então”.
- (2) **\*Como a da Joana\*:** expressão similar a «é o da Joana» – é para todos; local sem disciplina e autoridade.
- (3) **Acareando:** acto de juntar; abrigar; adquirir; ajuntar.
- (4) **Pego:** sítio mais fundo do rio, onde não se tem pé.
- (5) **Desempalhou:** desembrulhou.
- (6) **Espojado:** deitado no chão; largado.
- (7) **Trombada:** encontrão.
- (8) **Avalhado:** vexado.
- (9) **Zorra:** Raposa velha.
- (10) **Piorreira:** amargoseira – arbusto meliáceo, comum no Alentejo, mas principalmente no Baixo Alentejo, de uso ornamental no Sul da Europa. Também conhecido como conteira, mélia e azedaraco.
- (11) **Estremas:** marco divisório de propriedades rústicas.
- (12) **Demanda:** disputa.
- (13) **Sintomas:** sinais.
- (14) **Monte:** regionalismo (Alentejo) sede de herdade formada por vários edifícios em torno de um pátio; designação por vezes atribuída à própria herdade.
- (15) **Avarado:** varado – ficar sem acção, sem capacidade de reagir (sentido abstracto).
- (16) **Estevas:** Planta arbustiva, tipo das cistáceas, de flores grandes e brancas, espontânea e frequente em quase todo o País, e que segrega uma resina aromática empregada em farmácia como sedativo.
- (17) **À rojo:** de rastos.

Para a execução deste glossário consultaram-se os websites:

<http://www.priberam.pt>; <http://www.ciberduvidas.com>; <http://www.dicio.com.br>; <http://www.infopedia.pt/>

Dicionários:

- Dicionário de Expressões Populares Portuguesas de Simões, Guilherme Augusto. (2000). 2ª. edição, Dicionários D. Quixote; 34. Lisboa: Publicações D. Quixote;
- Lello & Irmão. (1997). Lello Universal – Dicionário Enciclopédico em dois volumes; Volume 1. Porto: Lello Editores.